

Financeirização e concentração espacial dos fundos financeiros na megaregião Rio de Janeiro- São Paulo

Financialization and spatial concentration of financial funds in the Rio de Janeiro - São Paulo mega-region

Financiarización y concentración espacial de los fondos financieros en la megaregión Río de Janeiro-São Paulo

Oséias Teixeira da Silva
Instituto Federal Fluminense
oseiasgeografo@gmail.com

Resumo

A financeirização é um processo com amplas consequências em diversas esferas da vida social, e está diretamente relacionada ao processo de globalização da economia. Um agente central nesse processo são os fundos financeiros. O objetivo do presente trabalho é analisar o processo de financeirização associado à formação da megaregião Rio de Janeiro - São Paulo. Tal análise se baseia em um levantamento feito junto ao site da CVM – Comissão de Valores Imobiliários. No site deste órgão, foram levantadas informações referentes a todos os fundos financeiros existentes no Brasil, sendo um total de 3141 fundos financeiros em atividade. A partir desta matriz, com dados sobre os fundos financeiros, realizamos uma série de análises, principalmente a análise da localização desses fundos em relação à megaregião Rio de Janeiro - São Paulo.

Palavras-chave: globalização; financeirização; fundos financeiros.

Abstract

Financialization is a process with broad consequences in various spheres of social life and is directly related to the process of economic globalization. A central agent in this process are the financial funds. The objective of the present work is to analyze the process of financialization associated with the formation of the Rio de Janeiro-São Paulo mega-region. This analysis is based on a survey carried out on the website of the CVM - Comissão de Valores Imobiliários. In the site of this agency information was collected referring to all the financial funds existing in Brazil, being a total of 3141 financial funds in activity in Brazil. Based on this matrix with data about the financial funds we carried out a series of analyses, mainly the analysis of the location of these funds in relation to the Rio de Janeiro X São Paulo mega-region.

Keywords: globalization; financialization; financial funds.

Resumen

La financiarización es un proceso con amplias consecuencias en diversas esferas de la vida social y está directamente relacionada con el proceso de globalización económica. Un agente central en este proceso son los fondos financieros. El objetivo del presente trabajo es analizar el proceso de financiarización asociado a la formación de la megaregión Río de Janeiro-São Paulo. Este análisis se basa en una encuesta realizada en la página web de la CVM - Comissão de Valores Imobiliários. En el sitio de este órgano se reunieron informaciones referentes a todos los fondos financieros existentes en Brasil, siendo un total de 3141 fondos financieros en actividad en Brasil. A partir de esta matriz con datos sobre los fondos financieros realizamos una serie de análisis, principalmente el análisis de la localización de estos fondos en relación a La megaregión Río de Janeiro X São Paulo.

Palabras clave: globalización; financiarización; fondos financieros.

Introdução

A financeirização é um processo reconhecidamente global com amplas consequências em diversas esferas da vida social, e está diretamente relacionada ao processo de globalização da economia (CHICOSKI, 2016). O processo de financeirização possui inúmeras facetas, assim como é levado a cabo por diversos agentes sociais. Um deles são os agentes institucionais, tendo como exemplos mais conhecidos os fundos financeiros e os fundos de pensão. Os fundos financeiros são um agente que tem ampliado fortemente sua atuação em diversas frentes e, especialmente, no controle de empresas, tanto em escala global quanto em escala local (PESSANHA, 2019).

O objetivo do presente trabalho é analisar o processo de financeirização associado à formação da megaregião Rio de Janeiro - São Paulo. Tal megaregião, cuja formação foi analisada anteriormente em (LENCIONI, 2015) é um imenso arranjo urbano cuja formação está diretamente relacionada ao processo de globalização. Uma das características centrais da formação da megaregião Rio de Janeiro - São Paulo é justamente a grande concentração das atividades financeiras no seu interior. Sendo assim, buscou-se justamente analisar essa concentração a partir da localização dos fundos financeiros, importante agente do processo de financeirização, cuja forma de atuação no Brasil será aprofundada ao longo do trabalho.

Tal análise se baseia em um levantamento feito junto ao site da CVM – Comissão de Valores Imobiliários, órgão do governo federal, subordinado ao Ministério da Economia e que tem por função regulamentar o funcionamento do mercado financeiro. No site deste órgão foram levantadas informações referentes a todos os fundos financeiros existentes no Brasil, sendo um total de 3141 fundos financeiros em atividade. A partir desta matriz, com dados sobre os fundos financeiros, realizamos uma série de análises, principalmente em relação à localização desses fundos, no sentido de identificar a concentração destes no interior dessa megaregião. Os resultados dessa pesquisa serão avaliados ao longo do trabalho.

Além dessa introdução, o presente trabalho tem as seguintes partes: iniciamos, no tópico seguinte, com uma discussão sobre a globalização e a financeirização da economia capitalista, no sentido de compreender os condicionantes mais amplos desses dois processos fortemente relacionados. No tópico seguinte, discutimos o papel dos fundos financeiros no contexto da financeirização da economia, na escala mundial e no Brasil. Em seguida, analisamos os dados relacionados à localização dos fundos financeiros sediados no Brasil, no sentido de confirmar ou não a hipótese de forte concentração destes no interior da megaregião Rio de Janeiro - São Paulo.

Globalização e financeirização da economia capitalista

A globalização é um processo que engloba extensas transformações na organização da sociedade, da economia, da política e da cultura. E, como não poderia deixar de ser, um processo contraditório, cuja análise remete a concepções muito distintas desde aquelas com caráter mais apologético, até aquelas que abordam a globalização de uma perspectiva crítica. De forma geral, podemos afirmar que este trabalho coaduna com a abordagem crítica da globalização, reconhecendo como um processo multifacetado e complexo, mas que tem no seu cerne a dinâmica de expansão do capital. Como aponta (ALTVATER, 2005, p. 3):

Desse modo, a expansão espacial do capital pertence à dinâmica da acumulação capitalista. A expansão só é possível caso os limites e as fronteiras sejam eliminados. Marx escreve em Grundrisse sobre o mercado mundial inserido na categoria de "capital" desde o princípio. Hoje podemos interpretar essa tendência mencionada por Marx como a globalização moderna. A globalização converteu-se em realidade porque ela é a expressão real das potencialidades imanentes da acumulação capitalista. A globalização é o processo de valorização interminável de todas as partes da natureza que antes estavam fora da lógica de valorização do sistema capitalista. (...) O capitalismo é um sistema expansionista onde tudo é interpretado como matéria-prima para o processo de produção de valor e mais-valia.

A partir da discussão do texto, podemos concluir que a globalização está inscrita no DNA mesmo do capital, ou seja, faz parte das características imanentes desse sistema. Isto se dá porque o capital representa um valor que se valoriza, como aponta (MARX, 2011), dentro de um processo de produção identificado com o esquema D-M-D', ou seja, dinheiro adiantado para a compra de mercadorias, incluindo a força de trabalho; mercadorias estas inseridas em um processo de produção, que resulta em certo quantum de mercadorias que, ao ser vendido, representa um valor superior ao das mercadorias incluídas no processo de produção. Como parte desse mais valor obtido no processo de produção é reinvestido no próximo ciclo produtivo, trata-se da reprodução ampliada do capital em que cada ciclo produtivo se estabelece com um volume de capital mais elevado do que o anterior (MARX, 2011).

Assim como o processo de produção é sempre expansivo em termos de valor, também a base material do processo de produção precisa ser constantemente expandida, pois a cada ciclo produtivo são necessários mais matérias-primas, mais máquinas e também mais trabalhadores (MARX, 2017). Portanto, como um sistema expansivo, em que a condição normal da economia das empresas e dos países é o crescimento, sendo que a estagnação já é uma manifestação da crise (FERNANDES, 2015), existe uma necessidade constante da inserção de novos volumes de matérias-primas e da mão de obra necessária para explorá-la, assim como a ampliação da capacidade produtiva industrial, que implica em ampliação da infraestrutura produtiva, de novas e mais modernas máquinas, novos mercados, etc. Isto implica que o processo de produção capitalista é impossível de ser reproduzido em um único país, uma vez que exige a necessidade constante de novas áreas convertidas à produção capitalista, onde serão obtidos os elementos necessários à ampliação da base material do processo de produção capitalista.

É neste sentido que (MARX; ENGELS, 2008) apontam que “a grande indústria criou o mercado mundial, preparado pela descoberta da América”. Portanto, esses fatos, diferente do que se dá em algumas análises, estão profundamente relacionados. Como um sistema expansivo por natureza, é a descoberta e a colonização da América que lançam as bases para a expansão do sistema capitalista. Por outro lado, embora seja um processo com raízes bem antigas, a globalização assume características novas atualmente, associadas, entre outros aspectos, ao contexto geopolítico relacionado à hegemonia americana. Segundo (CHESNAIS, 2017, p. 4):

Os Estados Unidos da América estiveram na origem dos principais impulsos para a globalização contemporânea e foram os principais arquitetos e beneficiários dos arranjos institucionais globais, de que o Fundo Monetário Internacional (F.M.I.) e a Organização Mundial do Comércio (O.M.C.) são os pilares. Mas lutando contra a tendência à queda da taxa de lucro em casa por meio de deslocalizações maciças para a China, os Estados Unidos ajudaram um rival poderoso a emergir. Dez anos após o início da crise, a guerra comercial característica da década de 1930 se perfila no horizonte, com os Estados Unidos de Donald Trump prontos para se lançarem nela.

Portanto, o Estado americano é um agente central do processo de globalização que se dá pela demanda crescente das empresas norte-americanas na busca de novos mercados para sua contínua expansão, assim como áreas para novos investimentos. A globalização se dá, portanto, como um projeto político norte-americano, como aponta (HARVEY, 2004). Mas, também, como uma necessidade concreta que surge do desenvolvimento do processo de acumulação de capital em escala mundial, principalmente em seu centro hegemônico: os EUA. É a partir destas demandas que todo um arcabouço jurídico e político são construídos, no sentido de ampliar a interdependência entre os países e destravar o comércio mundial, como se dá com a criação da OMC e com a reestruturação de instituições, como o Banco Mundial e o FMI,

que de garantidoras da estabilidade do sistema monetário de Bretton Woods se tornaram artífices e impulsionadoras do projeto de globalização neoliberal (HARVEY, 2008).

Mesmo que o processo de globalização tenha consequências imprevistas do ponto de vista dos EUA, como se dá com a ascensão da China, não há como negar o papel central do Estado americano, das empresas multinacionais americanas e das organizações internacionais comandadas pelos EUA na conformação do processo de globalização. Como afirma o economista liberal norte-americano John Gailbraith: “globalização não é um conceito sério. Nós, americanos, o inventamos para dissimular nossa política de penetração econômica nos outros países” (CASTRO, 2009). Discordamos apenas da afirmação de que o conceito de globalização não é um conceito sério, pois como discutido anteriormente, ele expressa um processo multissecular de integração econômica que, como vimos, está inserido no DNA mesmo do capital. Não podemos negar, no entanto, que este é um termo usado para dissimular uma política ativa de penetração das empresas americanas, sustentada pelo Estado americano, nas economias de outros países. Assim como os interesses americanos estão na origem da atual fase da globalização capitalista, o mesmo se dá com o processo de financeirização. Neste sentido, como aponta (BELLUZZO, 1995, p. 9):

Nos anos 80, a ampliação dos déficits orçamentários e comerciais dos Estados Unidos foi um fator importante para dar um segundo impulso e uma nova direção ao processo de globalização financeira. Na prática, a ampliação dos mercados de dívida pública constituiu a base sobre a qual se assentou o desenvolvimento do processo de securitização. Isto não apenas porque cresceu a participação dos títulos americanos na formação da riqueza financeira demandada pelos agentes privados americanos e de outros países, mas também porque os papéis do governo dos Estados Unidos são os produtos mais nobres e seguros dos mercados integrados. A expansão da posição devedora líquida norte-americana permitiu o ajustamento, sem grandes traumas, das carteiras dos bancos, na medida em que os créditos desvalorizados dos países em desenvolvimento foram sendo substituídos por dívida emitida pelo Tesouro Nacional aos Estados Unidos.

O texto aponta o papel central da dívida americana no processo de financeirização, que pode ser vista como um das facetas principais da globalização. A expansão da dívida americana é um dos pilares da ampliação da liquidez que é, por fim, o que permite a diversificação e criação de novos tipos de papéis cada vez mais complexos. Os títulos da dívida americana se colocam, ainda, como um elemento central do portfólio dos bancos e das demais instituições financeiras, e que são vistas como um porto seguro, especialmente em momentos de crise financeira. Portanto, os EUA e as instituições a ele ligadas são tanto os principais estimuladores da financeirização da economia quanto os responsáveis pela produção das próprias condições de ocorrência da financeirização, desde o fornecimento da liquidez, que permite o funcionamento dos

mercados financeiros quanto adesregulamentação dos mercados, o que permite o surgimento de novos instrumentos financeiros.

Podemos definir financeirização como: “as a pattern of accumulation in which profits accrue primarily through financial channels rather than through trade and commodity production” (KRIPPNER, 2005). Essa definição simples nos coloca no cerne desse processo ao apontar que a acumulação de capital, especialmente em relação ao grande capital, se dá principalmente por canais financeiros e não através da produção ou do comércio. Isto significa que mesmo as corporações que não são financeiras obtêm a maior parte do seu lucro a partir de investimentos financeiros (CHESNAIS, 1996). Da mesma forma, as pessoas ricas e mesmo uma parte da classe média obtêm uma parte dos seus rendimentos a partir de investimentos financeiros (BELUZZO, 1995).

Dentro do contexto do processo de financeirização tem ocorrido um peso de atuação cada vez maior, que são os assim denominados agentes institucionais. Esses agentes são instituições financeiras não convencionais, tendo como principais representantes os fundos de investimento ou fundos financeiros, como serão denominados, de agora em diante, os fundos de pensão. No próximo tópico, iremos analisar de forma mais detalhada a atuação dos agentes institucionais no contexto da economia global e nacional, enfocando principalmente a atuação dos fundos financeiros.

O papel dos fundos financeiros

Os fundos financeiros, juntamente com outros agentes institucionais como os fundos de pensão têm ampliado fortemente o seu papel nas últimas décadas, participando de forma cada vez mais intensa no controle de grandes empresas e investindo em diversos países, especialmente nos países emergentes, como aponta (BIANCHI et al., 2022, p. 102603):

Over the past decade, portfolio investment has overtaken bank finance to become a more prevalent form of finance in emerging markets (Shin, 2013; Carney, 2019). The share of market-based funding has increased significantly. This structural growth in portfolio flows suggests that ‘pipes’ that transmit financial flows across the globe have been changing. Investment funds have become an important player in provision of non-bank funding and transmission of financial conditions to emerging market economies (Aitken, 1996). Meanwhile, as emerging markets are becoming increasingly important for the global economy, shocks hitting this group of countries can spill back to advanced economies. Accordingly, understanding post-GFC sensitivity of fund flows to global financial conditions is of paramount importance.

Como apontam os autores, os investimentos de portfólio têm-se ampliado de forma intensa. E, dentro deste contexto, os fundos de investimento têm aumentado cada vez mais sua participação nesse tipo de investimento. Os fundos de investimento podem ser definidos como condomínios de investidores, em que os recursos disponibilizados

pelos investidores são transformados em cotas dos fundos que são geridos por uma empresa, que é responsável pela administração e os investimentos dos fundos e que decidem que tipo de investimento deve ou não ser feito (Comissão de valores imobiliários - CVM, [s.d.]). “Portfólio ou carteira é um conjunto de bens financeiros, como ações, títulos de renda fixa, imóveis, moedas, etc., de propriedade de um investidor (pessoa física ou jurídica)” (Bussola do investidor, [s.d.]).

Os fundos financeiros, portanto, atuam como uma instituição financeira não tradicional, tendo forte participação nos mercados financeiros. Pelo volume de recursos que movimentam, são capazes de influenciar fortemente a dinâmica desses mercados. Uma reportagem da Folha, por exemplo, aponta que, em 2021, mesmo em um contexto de crise pandêmica, os fundos financeiros tiveram um aumento recorde da captação de recursos junto aos investidores brasileiros (*Fundos de investimento têm captação recorde em 2021 impulsionados pela renda fixa*, 2022). Segundo (PESSANHA, 2019, p. 85):

A origem dos fundos vem dos movimentos financeiros e já é conhecida do antigo e tradicional setor bancário há muito tempo. Porém, os fundos financeiros foram ganhando versatilidade oferecida pelos fluxos informacionais, que são hoje parte da economia mundializada. Assim, com essas versatilidades, com a enorme capacidade de articulação por entre as frações do capital e diante da incompetência dos governos em regular os fluxos e movimentos desse instrumento financeiro (perante tamanha fluidez), os fundos superaram o papel histórico do setor bancário tradicional como mediador da produção. Passaram, desse modo, a captar volumes cada vez maiores de excedentes econômicos que redundam em maiores ofertas de créditos, tornando-se mais ágeis também num novo *modus* de operar os mecanismos de financiamento, não mais com o empréstimo, mas de forma mais ampla, em troca de participações nas corporações (e novos projetos), onde ocorrem a produção material e a produção de infraestruturas de energia, transportes e comunicações. Esse é o grande salto que os fundos financeiros dão ao passar a controlar não apenas corporações e redes de empresas, mas cadeias produtivas em diferentes espaços e nações.

A maior flexibilidade da atuação dos fundos, o grande volume de recursos movimentados e a facilidade de movimentação entre ramos e setores econômicos, bem como entre países é a grande vantagem desse agente. Se os fundos, na origem, estão relacionados ao setor bancário, o seu desenvolvimento recente os coloca em um papel cada vez mais autônomo em relação ao setor bancário tradicional, pelo menos na escala mundial. Assim, os fundos atuam de forma altamente dinâmica, podendo facilmente se deslocar entre setores econômicos, bem como entre países, sempre buscando as opções de investimento de maior rentabilidade. Os “fundos financeiros possuem maior agilidade para se movimentar como investimentos entre as frações do capital e investimentos em diferentes setores da economia” (MORAES, 2019, p. 87), pois como aponta este

autor, a movimentação contínua entre áreas de investimento é considerada como algo normal dentro do funcionamento dos fundos.

Uma corporação que se desfaz de parte dos seus negócios vendendo suas ações, por exemplo, poderá levantar suspeita de que está em más condições financeiras. Por outro lado, entrar ou sair de negócios faz parte da dinâmica normal dos fundos que, portanto, tem uma agilidade muito maior que as corporações no sentido de aproveitar as oportunidades diferenciais oferecidas pelo desenvolvimento desigual do sistema capitalista em escala mundial. O poder financeiro e a agilidade da atuação dos fundos permitem que os mesmos tenham grande capacidade de manipular os funcionamentos dos mercados no sentido de ampliar a rentabilidade dos seus portfólios. Um exemplo de manipulação dos mercados por parte dos fundos é descrito por (KADIOĞLU; FRÖMMEL, 2022, p. 5):

Mutual funds and pension funds, whose investment strategies are mainly risk averse, are known to primarily build their portfolios by investing in treasury and sovereign bonds. Carhart et al. (2002) examines mutual funds invested in stocks in the US market. They found that quarter-end and especially year-end equity mutual fund prices are abnormally high, and mention this as the strong proof that some mutual fund managers boost the value of their assets at quarter end by doing aggressive trading of stocks which are already in their portfolio. They found using intraday data that the bulk of transactions and transaction prices in the quarter's last few minutes are significantly higher, and they confirmed that most incentive to mark-up is associated with a larger effect in the funds by using fund-holdings data.

O texto aponta para uma forma de manipulação de mercados bastante comum entre gestores de fundos financeiros e fundos de pensões. Como os resultados dos fundos são apresentados trimestralmente, e estes resultados dependem fundamentalmente do valor dos ativos que compõem o portfólio dos fundos, os gestores atuam fortemente nos últimos dias e horas antes da finalização do trimestre, comprando ações de empresas ou outros títulos financeiros que já estão presentes em seu portfólio, forçando um aumento do valor dessas ações e, portanto, do valor total dos ativos do fundo, incrementando de forma artificial o desempenho dos fundos financeiros.

Esta prática foi identificada nos EUA; mas, com certeza, não deve se restringir a este país. O problema deste tipo de prática de manipulação dos mercados é que ela pode acabar prejudicando pequenos investidores, que têm menos acesso à informação. Um pequeno investidor que comprasse a ação de uma determinada empresa, acreditando que ele estaria se valorizando por causa de alguma informação ainda não revelada sobre o desempenho dela, poderia amargar um grande prejuízo, uma vez que esta valorização não está relacionada ao desempenho da empresa, mas à ação especulativa dos gestores de fundos financeiros. O grande volume de recursos que movimentam as informações privilegiadas que possuem, permitem que os gestores de fundos manipulem facilmente

os mercados, gerando melhora no desempenho financeiro dos fundos, por um lado, e prejuízos financeiros para outros investidores, por outro.

Um aspecto importante relacionado à atuação dos fundos financeiros diz respeito à distribuição espacial destes e de seus gestores. No Brasil, os fundos financeiros são considerados pessoas jurídicas, sendo controlados por empresas especializadas: os gestores dos fundos, que podem ser bancos comerciais ou de investimento, empresas de corretagem financeira e mesmo indivíduos, desde que devidamente cadastrados na Comissão de Valores Imobiliários – CVM, órgão subordinado ao Banco Central e que atua na regulação dos fundos financeiros do Brasil. Com base em dados oriundos deste órgão, levantamos um conjunto de informações relacionadas à atuação dos fundos financeiros, especialmente a concentração dos mesmos na megaregião Rio de Janeiro X São Paulo.

Concentração espacial dos fundos financeiros no Brasil na megaregião Rio de Janeiro - São Paulo.

Embora não possamos aprofundar esta discussão neste artigo, existe uma ampla bibliografia que discute as novas formas de arranjos urbanos que se manifestam a partir da década de 1970 dentro do contexto de ampliação do processo de globalização: (MOURA, 2009); (SCOTT et al., 2001); (SOJA, 2013), entre outros. Uma das autoras que discute a formação de novas tipologias de arranjos urbanos e seu significado é (SASSEN, 2007, p. 11), a partir do conceito de megaregião. Segundo a autora:

Una tendencia principal evidente en todo el mundo es la formación de escalas urbanas crecientemente grandes, las cuales en cierto momento pueden ser descritas como mega-regiones. A menudo, ellas son simplemente vistas como más de lo mismo –más personas, más paisajes urbanos interminables–. En su aspecto más elemental, la mega-región resulta del crecimiento de la población en un contexto geográfico donde ciudades y áreas metropolitanas se mezclan entre sí. Y esto, en efecto, conduce a infraestructuras interregionales, notablemente transporte y electricidad, y varias formas de planificación y coordinación regional, como puede ser observado hoy.

Portanto, o que teríamos, segundo a autora é a formação de escalas urbanas cada vez maiores, ou seja, áreas de cada vez maior dimensão, mas com um funcionamento integrado a partir dos inúmeros fluxos que percorrem esses arranjos urbanos. Essas áreas urbanas não significam mais do mesmo, mas significam, ao mesmo tempo, dispersão e uma enorme concentração de mão de obra, diversamente qualificada, mercado consumidor e infraestruturas de transporte e comunicação que permitem a conexão rápida entre os mais distantes pontos da aglomeração. Baseando-se no trabalho de (SASSEN, 2007), (LENCIONI, 2015) aponta para a constituição de uma escala megaregional a partir da expansão urbana das metrópoles de São Paulo e Rio de Janeiro. Segundo a autora:

No sudeste do Brasil, ao longo da costa atlântica, as metrópoles do Rio de Janeiro e de São Paulo constituem as principais cidades de uma megaregião. Aí se desenvolve a urbanização regional de maior expressão no Brasil e no hemisfério sul. Da região do entorno do Rio de Janeiro, ao longo da costa, indo em direção à Juiz de Fora, penetrando pelo Vale do Paraíba e chegando à Baixada Santista a mancha urbana, quase que contínua, avança para o interior paulista indo além de Campinas e Sorocaba. Esta região integra-se entre si e, em escala global, por meio das atividades econômicas, dos eixos de circulação viária e aérea e das redes de informação e comunicação.

Essa imensa área é marcada, como sempre ocorre na escala megaregional, por uma imensa concentração de população e atividades econômicas, por uma forte integração das dinâmicas produtivas, com formação de cadeias de valor que articulam atividades que se dão dentro e fora do contexto megaregional. E esta megaregião é amarrada e integrada por uma multiplicidade de fluxos, possibilitada por amplas redes de infraestrutura que existem nela, formando, sem dúvida, o espaço mais denso do país do ponto de vista das redes técnicas de transporte e telecomunicação, sendo, dessa forma, o núcleo da região concentrada, conforme apontada por (SANTOS, 2001). Do ponto de vista da concentração financeira e de gestão na megaregião de forma geral, existem alguns estudos que apontam claramente esse alto grau de concentração, especialmente na metrópole de São Paulo. Cordeiro (1992), por exemplo, aponta que entre as 1000 maiores empresas do país, 300 tem suas sedes na cidade de São Paulo, da mesma forma que a maior parte das sedes das instituições financeiras internacionais. Em relação aos bancos de investimentos, Alves (2018) aponta para a grande concentração desse tipo de instituição financeira na cidade de São Paulo, sendo que, segundo o autor, em 1973, esta cidade concentrava 32% do total de fundos financeiros do país, concentração que salta para 54%, em 1988, para 64%, em 1998 e 71%, em 2013. Dentro deste contexto, buscamos neste artigo discutir a distribuição espacial dos gestores de fundos financeiros no Brasil no sentido de compreender se a concentração econômica tão evidente na megaregião Rio de Janeiro - São Paulo também se dá em relação à atuação deste agente.

Seria compreensível que, devido à grande concentração econômica e populacional, haja também uma concentração dos fundos financeiros dentro dessa megaregião. Portanto, em caso afirmativo, teríamos que discutir qual o significado econômico e político dessa concentração. Mas para saber qual seria a importância dessa possível concentração espacial temos que, primeiro, nos dar conta da importância dos fundos em termos de capacidade de concentração de ativos e recursos. Assim poderemos ter indiretamente uma noção do poder econômico que esses gestores possuem. Para se ter uma noção do poder financeiro e político deste agente, trazemos na tabela 1 a distribuição do total de ativos dos fundos financeiros sediados no Brasil.

Tabela 1: Volumetotal dos fundos financeiros, considerando os principais gestores de fundos do Brasil, 2021

Ordem	Administrador	Total Global de Ativos*
1	BB DTVM S.A	1.362.452.90
2	ITAÚUNIBANCO SA	812.826.50
3	CAIXA	553.313.40
4	BRADESCO	541.250.50
5	BANCO SANTANDER (BRASIL) SA	384.691.20
6	BEM	369.991.90
7	INTRAG	361.098.10
8	BTG PACTUAL	347.522.60
9	BNY MELLON SERVIÇOSFINANCEIROS DTVM AS	306.796.60
10	SAFRA	100.325.60
	DEMAIS GESTORES DE FUNDOS	326.291.80
	Total	5.466.561.10

Fonte: Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais - Ambima. * dados em milhões de reais.

O valor total dos ativos dos fundos geridos pelos maiores gestores de fundos do Brasil ultrapassa os 5 bilhões de reais. É um valor expressivo, considerando que vivemos em um país em que metade da população sobrevive com R\$413,00 por mês (MENDONÇA, 2019). Portanto, o total de ativos dos fundos brasileiros corresponde a uma riqueza acumulada que a maioria dos brasileiros levaria mais de um milhão de anos para acumular, se não gastasse um centavo de sua renda. O que dá uma ideia da concentração de renda do Brasil e de como a financeirização ajuda a intensificar essa concentração, uma vez que oferece maiores oportunidades de ganhos, principalmente aos ricos e à classe média e alta que têm disponibilidade de recursos excedentes para investimento.

Mas a concentração também se dá entre os gestores dos fundos, sendo que somente os cinco gestores com maior volume de ativos em seus fundos respondem por aproximadamente 67% do total dos ativos. Dessa forma, podemos concluir que o mercado de fundos financeiros é extremamente concentrado no Brasil, uma vez que um pequeno número de grandes gestores responde pela maior parte dos ativos e, certamente, pelo maior número de fundos financeiros existentes no Brasil. Assim como é característico do processo de globalização também em outros países, temos um processo de integração financeira que reforça a concentração de renda em múltiplas camadas.

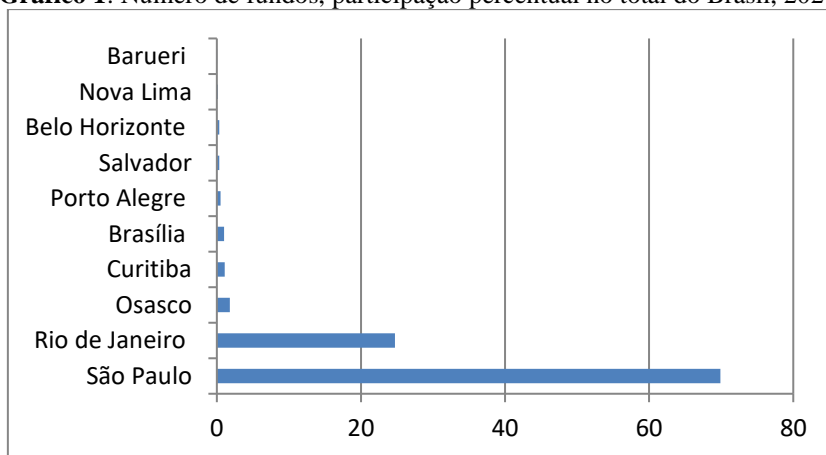
Se considerarmos os fundos financeiros, podemos concluir que este é um elemento da concentração de renda do ponto de vista dos investidores do fundo, uma vez que a maioria dos brasileiros é muito pobre, não tem recursos excedentes e precisa batalhar todos os dias pela sobrevivência, enquanto que uma parcela restrita da população tem acesso aos investimentos financeiros através dos fundos financeiros e de outros canais. E, graças a isso, consegue fazer com que seus recursos rendam muito mais

do que os recursos que os pobres dispõem, pois estes, mesmo que consigam poupar algum dinheiro, tendem a investir em canais mais tradicionais e de pouca rentabilidade, como a poupança.

Por outro lado, a concentração também se dá entre os gestores, aquelas empresas, geralmente bancos ou corretoras que administram os fundos financeiros e gerem o portfólio dos mesmos. Se houvesse uma maior dispersão dos recursos entre os gestores dos fundos, poderíamos concluir que os investimentos em fundos financeiros poderiam estimular o crescimento de pequenos bancos e corretoras, o que poderia também beneficiar os investidores, uma vez que o aumento da concorrência poderia levar, por exemplo, a uma redução das taxas cobradas para administração dos recursos de terceiros. Uma vez que temos essa forte concentração da gestão dos fundos sediados no Brasil em poucas instituições, podemos crer que a dinâmica dos fundos pode incentivar ainda mais a concentração de renda no interior do sistema bancário e financeiro do Brasil.

Neste sentido, chama a atenção o fato de que a concentração da gestão de ativos dos fundos está diretamente ligada à concentração bancária *sui generis* do Brasil (TAVARES, 1985), uma vez que os cinco maiores gestores de fundos, que respondem por aproximadamente 67% do total de ativos dos fundos são os cinco maiores bancos brasileiros: Banco do Brasil, Caixa, Itaú/Unibanco, Bradesco e Santander. Portanto, longe de abrir possibilidades de surgimento de novos atores na cena financeira do Brasil, a dinâmica dos fundos tende a reforçar a tendência histórica de concentração de poder financeiro nestes cinco grandes bancos. Porém, a concentração relacionada aos fundos não está ligada apenas à concentração do poder financeiro, mas também à concentração espacial da gestão dos fundos. O gráfico 1 apresenta as cidades em que se encontram o escritório sede dos gestores dos fundos financeiros sediados no Brasil.

Gráfico 1: Número de fundos, participação percentual no total do Brasil, 2021.



Fonte: Comissão de valores mobiliários - CVM/Ministério da Economia, disponível em <https://web.cvm.gov.br/app/fundosweb/#/consultaPublica>. Acesso em 29/06/21

Diferente da tabela anterior, esta tabela mostra o número total de fundos financeiros de acordo com a sede do seu gestor, ou seja, da empresa que administra o fundo. Lembremos que o fundo financeiro é uma entidade jurídica com personalidade jurídica própria, ou seja, cada fundo tem seu próprio CNPJ, e cada um deles tem um gestor que o administra, sendo que uma mesma empresa pode administrar muitos fundos de investimentos distintos. Assim, os dados mostrados na tabela estão relacionados ao endereço dos gestores dos fundos, considerando que o número de fundos financeiros é sempre muito maior que o número de empresas gestoras de fundos.

Do total de 3139 fundos financeiros em atividade no Brasil, 2196 tem sua sede na cidade de São Paulo, o que representa quase 70% do total. Temos uma fortíssima concentração da gestão dos fundos na cidade de São Paulo, que constitui justamente um dos principais polos da megaregião Rio de Janeiro - São Paulo. Mesmo considerando a grande concentração populacional e econômica nesta megaregião, e especialmente na cidade de São Paulo, trata-se de um grau de concentração sem precedentes se compararmos com outras atividades econômicas. Se considerarmos que praticamente 70% dos fundos financeiros existentes no Brasil estão localizados em uma única cidade podemos, de fato, imaginar que se trata de uma concentração muito maior do que a encontrada em outras atividades de serviços, que têm uma maior dispersão pelo território brasileiro. As agências de publicidade são um bom exemplo para comparação: apesar de ser uma atividade de serviços especializada e que exige mão de obra altamente especializada e criativa, tem uma distribuição muito mais dispersa pelo país, com agências espalhadas pelas capitais dos estados e também mais de 7000 agências em cidades do interior do Brasil (URSINI, 2014). Os dados apresentados nesta reportagem apontam que existe um total de 17401 agências de publicidade no Brasil, sendo 4879 na cidade de São Paulo. Portanto, a cidade de São Paulo, em 2014, representava aproximadamente 28% do total de agências publicitárias no Brasil.

A comparação poderia ser questionada no sentido de que dentro da atividade financeira temos uma divisão do trabalho muito mais complexa do que na atividade publicitária, além do fato de que no setor financeiro os salários são muito maiores. Porém, acreditamos que é uma comparação válida porque são ambas atividades que exigem mão de obra qualificada e com serviços que são direcionados principalmente para empresas ou população de mais alta renda. Como a publicidade não é uma atividade voltada para o atendimento de pessoas e famílias, assim como a atividade de gestão dos fundos financeiros não o é, seria de se esperar uma concentração dessas atividades nas grandes cidades, especialmente na megaregião, uma vez que a atividade publicitária, assim como a gestão dos fundos demanda uma proximidade com a gestão das empresas privadas. Assim, o grau de concentração muito mais elevado da gestão dos fundos financeiros é um elemento que precisa ser melhor compreendido.

Portanto, embora ambas as atividades tenham necessidade de uma mão de obra altamente qualificada e criativa e de uma infraestrutura de transporte e telecomunicação de excelência, a atividade publicitária encontra-se muito mais dispersa pelo território brasileiro do que a atividade de gestão dos fundos financeiros. Há que se

discutir,entretanto, que esta concentração, no caso da gestão dos fundos financeiros tem um efeito muito mais perverso do que se daria se acontecesse na atividade publicitária. Se uma alta concentração de agências publicitárias poderia levar a uma padronização das campanhas publicitárias, sem levar em conta as especificidades regionais, a concentração da gestão dos fundos financeiros tem um efeito ainda muito mais perverso.

Uma vez que os fundos investem em empresas e ativos que estão distribuídos em todo o país, e mesmo no exterior, há dese concluir que esse grau extremo de concentração leva a um ponto em que as decisões de investimento ou desinvestimento por parte dos gestores se deem em um contexto de completo desconhecimento das realidades locais das empresas ou dos ativos por parte dos fundos. Assim, a tendência é ignorar completamente os possíveis efeitos sinérgicos das ações desses agentes nas economias locais, além de haver um menor acesso a informações locais e mesmo um desconhecimento da cultura local e das formas locais de fazer negócios. Dessa maneira, podemos supor que tal concentração traz, de fato, riscos para a economia brasileira como um todo, assim como para o conjunto dos representantes dos ativos nos quais os fundos investem e buscam alta rentabilidade, sem nenhum tipo de envolvimento com a dinâmica local, fato que a concentração da gestão certamente exacerba.

Mas essa concentração não se dá somente na cidade de São Paulo, mas também, em escala muito menor, na cidade do Rio de Janeiro, que responde por aproximadamente 25% do total dos fundos. Todas as demais cidades e regiões brasileiras, mesmo considerando as capitais de estado e metrópoles nacionais respondem por uma parcela praticamente desprezível dos fundos financeiros. Metrópoles nacionais como Belo Horizonte, Brasília, Salvador, Curitiba e Porto Alegre têm um número absolutamente ínfimo de fundos, sediando não mais do que 30 fundos cada uma. Portanto, como apontado em estudos sobre cidades globais (SASSEN, 2001), também no Brasil a financeirização da economia conduz a uma extrema concentração da gestão financeira, que se dá basicamente na cidade de São Paulo e, secundariamente, na cidade do Rio de Janeiro que, juntos, constituem os polos da megarregião Rio de Janeiro - São Paulo.

Esta concentração da gestão financeira na cidade de São Paulo, considerando os altos salários pagos no mercado financeiro tende, portanto, a reforçar as tendências à ampliação da desigualdade de renda e oportunidades em diferentes escalas no Brasil, seja dentro da megarregião ou mesmo considerando as regiões brasileiras ou o país como um todo. Portanto, o que estamos afirmando é que, de forma similar ao que acontece em outros países, a concentração da gestão financeira em poucos locais tende a reforçar as tendências de concentração de renda em um país tão desigual como o Brasil. Porém, essa concentração não se dá apenas na cidade de São Paulo e, secundariamente, na cidade do Rio de Janeiro. Dentro dessas duas cidades, a gestão dos fundos financeiros está também concentrada em pouquíssimas ruas, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 2: Ruas da cidade do Rio de Janeiro e São Paulo que sediam mais de 20 fundos

Cidade	Nome do bairro	Nome da rua	Número de fundos	% do total
Rio de Janeiro	Botafogo	Praia de Botafogo	475	15.12
	Barra da Tijuca	Av. das Américas	161	5.12
	Bela Vista	Av. Paulista	130	4.14
	Vila Gertrudes	Av. das Nações Unidas	78	2.48
	Centro	Av. Presidente Wilson	43	1.37
	Botafogo	Av. Atlântica	40	1.27
São Paulo	Itaim Bibi	Av. Brigadeiro Faria Lima	905	28.80
	Itaim Bibi	Rua Iguatemi	450	14.32
	Pinheiros	Rua Gilberto Sabino	111	3.53
	Pinheiros	Rua dos Pinheiros	86	2.74
	Itaim Bibi	Rua Joaquim Floriano	72	2.29
	Vila Olímpia	Av. CheditJafet	65	2.07
	Vila Olímpia	Rua Gomes de Carvalho	57	1.81
	Itaim Bibi	Av. Cidade Jardim	43	1.37
	Vila Nova Conceição	Rua Dr. Eduardo de Souza Aranha	35	1.11

Fonte: Comissão de valores mobiliários - CVM/Ministério da Economia, disponível em <https://web.cvm.gov.br/app/fundosweb/#/consultaPublica>. Acesso em 29/06/21

Quando consideramos os bairros e ruas em São Paulo e no Rio de Janeiro, em que estão localizados os gestores dos fundos financeiros, percebemos que o grau de concentração dos fundos é de um nível ainda mais extremo do que o que constatamos quando levamos em conta apenas a cidade em que estão sediados. Em apenas uma rua da cidade de São Paulo, a Avenida Faria Lima, estão sediados quase 29% de todos os fundos existentes no país. Na Rua Iguatemi, que fica a apenas 900 metros da Faria Lima, estão sediados mais de 14% dos fundos financeiros existentes no Brasil. Se considerarmos os bairros, podemos ver que em apenas 4 ruas do Itaim Bibi, bairro nobre de São Paulo, estão presentes as sedes de 47% dos fundos financeiros. Portanto, quase a metade dos fundos financeiros existentes no Brasil está localizada em apenas quatro ruas de uma mesma cidade. Portanto, isto dá a ideia real do grau extremo de concentração.

Mesmo na cidade do Rio de Janeiro, esse grau de concentração extremo está presente, pois aproximadamente 15% do total de fundos financeiros existentes no Brasil está sediado em uma única rua: a praia de Botafogo. Como a cidade do Rio de Janeiro concentra pouco menos de 25% das sedes de fundos financeiros, podemos perceber que apenas nesta rua acima citada estão presentes bem mais do que a metade dos fundos que esta cidade sedia. Se considerarmos, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, apenas as ruas que sediam mais de 10% dos fundos financeiros, podemos notar que temos apenas 3 ruas, uma no Rio de Janeiro e duas em São Paulo que concentram pouco mais de 58% do total de sedes existentes no país. Nesse sentido, há que se discutir o significado político de tal grau de concentração de uma atividade de gestão com tão forte

capacidade de impactar o território. Nas considerações finais, buscaremos justamente indicar alguns aspectos dessa discussão.

Considerações finais.

A financeirização é um processo multiforme e complexo, diretamente associado à globalização da economia, que é um processo igualmente complexo. A globalização, como discutido anteriormente, pode ser vista ao mesmo tempo como um processo e um projeto político. Como processo, pode ser vista como uma nova fase de um longo processo de integração das economias, que foi inicialmente imposto pelo processo de colonização e expansão marítima. Como vimos neste trabalho, esse processo de integração econômica, em todas as suas fases, sempre esteve diretamente ligado ao racismo como elemento fundador de um processo de hierarquização social e espacial, em que o racismo é uma justificativa para a exacerbada exploração do trabalho. Não apenas isso, mas diferentes formas de opressão ligadas à raça, sexo ou etnia foram mobilizadas como formas discriminatórias na formação da economia-mundo capitalista, viabilizando formas de superexploração que viabilizaram a acumulação primitiva do capital (MARX, 2011).

De certa maneira, podemos afirmar que essa mobilização de distintas formas de opressão como base para formação de processos de superexploração continua central no capitalismo atual, quando vemos os diferenciais de salários entre países centrais e periféricos ou, dentro de cada país, entre os salários de trabalhadores brancos e homens, em contraposição aos salários de mulheres, negros ou outras minorias étnicas subalternizadas. Por outro lado, a globalização, como fase atual de um longo processo de integração econômica e formação de uma economia-mundo capitalista é também um projeto político do Estado americano e das empresas multinacionais americanas, em associação com organismos multilaterais em sua órbita hegemônica. Dentro desse contexto, como afirmamos anteriormente, a financeirização também pode ser vista como um projeto americano, constituído a partir da crise dos anos 1970 e da ruptura do acordo de Breton Woods.

O fato de afirmarmos que o processo de financeirização e a globalização serem projetos americanos não significa que são concebidos e implementados racionalmente, mas eles são o resultado de estratégias e iniciativas do enfrentamento da crise do fordismo e da hegemonia americana que se desenrolam desde o final da década de 1960. Dentro do contexto da crescente financeirização da economia mundial, novos agentes se destacam, entre eles aqueles que são denominados agentes institucionais, como os fundos financeiros e os fundos de pensão. Nosso trabalho objetivou a análise da atuação dos fundos de pensão no Brasil, dentro do contexto da formação da megarregião Rio de Janeiro - São Paulo, que constitui um exemplo de novo tipo de arranjo urbano, que se desenvolve dentro do contexto da globalização e que abrange uma ampla área, de dimensão regional, mas que passa a funcionar como uma única área urbana.

Uma das principais descobertas do trabalho foi revelar a extrema concentração da atividade de gestão dos fundos financeiros no Brasil, sendo que a gestão de quase

70% do total se concentra na cidade de São Paulo e, dentro desta cidade, principalmente em duas ruas localizadas em um mesmo bairro. É um grau de concentração inexistente mesmo em atividades de serviços empresariais, que geralmente têm também grande concentração de empresas nas grandes cidades. A comparação com a distribuição das agências de publicidade, por exemplo, revelou o grau extremo de concentração da gestão dos fundos na cidade de São Paulo. Esta concentra apenas 28% do total das agências de publicidade do Brasil, ao passo que concentra quase 70% das sedes dos fundos financeiros existentes no país.

Os dados apresentados no trabalho apresentam limitações, principalmente ao não incluir informações referentes à atuação de fundos financeiros estrangeiros no Brasil. Porém, revela num grau de concentração preocupante, considerando que a atuação dos fundos se dá em todo o território nacional a partir dos investimentos e desinvestimentos relacionados a práticas desses agentes. Assim, fica acentuada a necessidade de, em pesquisas futuras, avançar no sentido de compreensão das práticas desses agentes, no sentido de identificar os rebatimentos territoriais relacionados a essa atuação. Assim, esse trabalho buscou ser uma contribuição para a compreensão da atuação dos fundos financeiros no Brasil.

Referências

ALTVATER, Elmar. *A teoria marxista e os limites do crescimento*. In: Os excluídos da arca de Noé. (1ª edição). São Paulo: Hucitec, 2005.

ALVES, Caio Zarino Jorge. A formação do complexo corporativo metropolitano de São Paulo baseado na distribuição das sedes dos bancos de investimento (1966-2013). *GEOSP Espaço e Tempo (Online)*, v. 22, n. 1, p. 096–114, 2018.

BELLUZZO, Luis Gonzaga M. O declínio de Bretton Woods e a emergência dos mercados “globalizados”. *Economia e Sociedade*, vol. 4, ano 1, pp. 11-20, 1995.

BIANCHI, Benedetta; Galstyan, Vahagn; Herzberg, Valerie. Global risk and portfolio flows to emerging markets: Evidence from irish-resident investment funds. **Journal of International Money and Finance**, vol. 123, n. 102600.

Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.jimonfin.2022.102600>, 2022.

BÚSSOLA DO INVESTIDOR. ([s.d.]). *Definição de Portfólio*. Bússola do Investidor.

Recuperado 11 de fevereiro de 2022, de

https://www.bussoladoinvestidor.com.br/abc_do_investidor/portfolio/

CASTRO, Ramon Penna. Globalização [Saúde]. *Dicionário da educação profissional em Saúde*. <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/glo.html>, 2009.

CHESNAIS, François. *A Mundialização do Capital*. São Paulo: Editora Xama, 1996.

CHESNAIS, François. O capitalismo encontrou limites intransponíveis? *O comuneiro - Revista eletrônica*, n. 24. Disponível em: <https://cemflores.org/2017/07/30/o-capitalismo-encontrou-limites-intransponiveis-francois-chesnais/>, 2017.

CHICOSKI, Davi. Aspectos da financeirização da economia brasileira. *Pesquisa & Debate: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política*, vol. 27, n. 1. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rpe/article/view/24723>, 2016.

COMISSÃO DE VALORES IMOBILIÁRIOS - CVM. ([s.d.]). *Fundos de investimento*. Portal do Investidor. Recuperado 11 de fevereiro de 2022, de https://www.investidor.gov.br/menu/Menu_Investidor/fundos_investimentos/introducao

CORDEIRO, HELENA KOHN. A “cidade mundial” de São Paulo e a recente expansão de seu centro metropolitano. *Revista Brasileira de Geografia*, v. 54, n. 3, 1992.

FERNANDES, Florestan. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. São Paulo: Global Editora, 2015.

FUNDOS DE INVESTIMENTO TÊM CAPTAÇÃO RECORDE EM 2021 IMPULSIONADOS PELA RENDA FIXA. (2022, janeiro 6). Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/01/fundos-de-investimento-tem-captacao-recorde-em-2021-impulsionados-pela-renda-fixa.shtml>

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *A globalização da natureza e a natureza da globalização* (7ª edição). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

HARVEY, David. *Espaços de esperança* (7ª edição). São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HARVEY, David. *O neoliberalismo: História e implicações* (5ª edição). São Paulo: Edições Loyola, 2008.

KADIOĞLU, Eyup, &Frömmel, Michael. Manipulation in the bond market and the role of investment funds: Evidence from an emerging market. *International Review of Financial Analysis*, vol. 79, n. 102000. <https://doi.org/10.1016/j.irfa.2021.102000>, 2022.

KRIPPNER, Greta R. (2005). The financialization of the American economy. *Socio-Economic Review*, vol. 3, n.2, pp. 173–208. Disponível em <https://doi.org/10.1093/SER/mwi008>

LENCIONI, Sandra. Urbanização difusa e constituição de megarregiões: O caso de São Paulo-Rio de Janeiro. *Emetropolis: revista eletrônica de estudos urbanos e regionais*, vol. 6, n. 22, 2015.

MARX, Karl. *O capital [Livro III]: Crítica da economia política*. O processo global da produção capitalista (1ª edição). São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. *O Capital [Livro I]: Crítica da economia política*. O processo de produção do capital (2ª edição). São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl; Engels, Friedrich. *O manifesto do Partido Comunista* (1º edição). São Paulo, Expressão Popular, 2008.

MENDONÇA, Henrique. (2019, novembro 4). *Viver com 413 reais ao mês, a realidade de metade do Brasil*. El País Brasil. https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/30/economia/1572454880_959970.html

MOURA, Rosa. (2009). *Arranjos urbano-regionais no Brasil: Uma análise com foco em Curitiba*. [Doutorado em Geografia]. UFPR.

PESSANHA, Roberto Moraes. (2019). *A “indústria” Dos Fundos Financeiros: Potência, Estratégias E Mobilidade No Capitalismo Contemporâneo* (1ª edição). Consequência.

SANTOS, Milton. *O Brasil: território e sociedade no início do século xxi* (19ª edição). Record, 2001.

SASSEN, Saskia. El reposicionamiento de las ciudades y regiones urbanas en una economía global: Ampliando las opciones de políticas y gobernanza. *EURE* (Santiago), vol. 33, n. 100. Disponível em <https://doi.org/10.4067/S0250-71612007000300002>, 2007

SASSEN, Saskia. *The Global City: New York, London, Tokyo* (2ª edição). London: Princeton University Press, 2001.

SCOTT, Allen J.; AGNEW, John; SOJA, Edward Walker; STORPER, Michael. Cidades-regiões globais. *Espaço e debates*, vol. 17, n. 41, 2001.

SOJA, Edward Walker (2013). Para além de postmetropolis. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, vol. 20, n. 1, pp. 136–167. Disponível em <https://doi.org/10.35699/2316-770X.2013.2678>

TAVARES, Martus A. R. Concentração bancária no Brasil: Uma evidência empírica. *Revista de Administração de Empresas*, vol. 25, n. 4, pp. 55–62. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75901985000400006>, 1985.

URSINI, Nathalie. (2014, junho 25). *Brasil tem mais de 7 mil agências no interior*. Revista Meio e Mensagem. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/comunicacao/2014/06/25/brasil-tem-mais-de-7-mil-agencias-no-interior.html>, Junho de 2014.

Oséias Teixeira da Silva

Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo – USP

Professor efetivo do Instituto Federal Fluminense – IFF

Rua Tenente Coronel Amado, 349. Centro - Macaé – RJ

Email: oseiasgeografo@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4182-827X>

Recebido para publicação em janeiro de 2023.

Aprovado para publicação em abril de 2023.